

D. JOÃO VI

Peça em 2 actos de HELDER COSTA.

Publicada em 1979. Representada pela primeira vez pelo grupo «A Barraca», em Abril de 1979, numa encenação do autor. Prémio Santiago Rusiñol no XI Festival Internacional de Teatro de Sitges de 1978; Prémio da Associação Técnica e Artística de Descentralização Teatral (ATADT), 1978.

[...]

Cenas múltiplas da corte em Lisboa e no Rio de Janeiro, caravelas, jardim, etc.

O Infante D. João é iniciado, sob a orientação dos seus confesores, não só no cantochão e no latim, como nas relações sexuais, por intermédio de uma camponesa, a tal obrigada e depois morta. A rainha, D. Maria I, manifesta sintomas de loucura, situação que gradualmente se agravará até ao desenlace final. D. João casa com a princesa castelhana Carlota Joaquina, jovem que se entedia mortalmente na nossa corte. Os validos de D. João ministram-lhe lições de economia e política até que ele é aclamado rei em virtude da insanidade mental de D. Maria. Pina Manique denuncia ao rei pretensas conjuras contra a coroa, com as quais justifica novas medidas repressivas. De França chegam notícias da Revolução e da execução dos reis. D. Miguel é baptizado em Mafra e D. João lamenta a infidelidade da rainha, que está certa de que o infante não é seu filho. Mais tarde, Carlota Joaquina confessará a D. Miguel que é filho do Marquês de Marialva. A rainha leva as suas infidelidades ao ponto de ter relações com um jardineiro que logo manda matar por um oficial da polícia a quem, por sua vez, envenena por ele saber demasiado sobre a sua vida. A rivalidade anglo-francesa atinge toda a Europa e Portugal não é poupado. Os Franceses invadem Portugal e, sob o pretexto de auxiliarem o seu velho aliado, os Ingleses acabam por tratar o país como se fosse uma colónia. Há revoltas populares que assustam a nobreza e o clero. D. João e a corte escapam-se para o Brasil, onde Carlota Joaquina mantém os seus hábitos dissolutos enquanto os príncipes, Miguel e Pedro, manifestam tendências racistas, e D. João trata dos seus negócios. De regresso a Portugal, D. João prossegue a sua política ambígua de querer agradar a toda a gente. Carlota Joaquina e D. Miguel conspiram. D. Miguel dirige a revolta de Vila Franca e manda prender o próprio rei, logo liberto por aqueles que tinham permanecido leais. É num ambiente conspirativo que D. João VI morre depois de ter jantado com os seus dois médicos que morrem também, assim como o cozinheiro. Envenenados? Um padre faz, no funeral do rei, o elogio de D. João VI: «Tão intrépido e solícito como os antigos da antiga Grécia»!

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 187-188.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.